



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil

Cantautores: a (não) fabricação da cultura

Flávio Zancheta Faccioni

Claudete Cameschi de Souza

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Resumo

Neste *squib* apresentamos algumas inquietudes sobre os processos identificatórios do povo sul-mato-grossense a partir de canções compostas durante o período de divisão do estado de Mato Grosso e criação do estado de Mato Grosso do Sul. Estas reflexões iniciais são oriundas de nossa pesquisa, ainda em andamento, de doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com estágio sanduíche na Universidade de Santiago de Compostela. Selecionamos, para realizar nossos rascunhos, duas canções, Cunãtaiporã, de Geraldo Espíndola; e Trem do Pantanal, de Geraldo Roca, *in memoriam*, e Paulo Simões. Usamos, como apoio teórico, a transdisciplinariedade da Análise do Discurso de linha francesa para problematizar nossas questões. Por fim, acreditamos que as composições e as condições de produção podem contribuir com os processos identificatórios do estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave: Processos identificatórios. Música. Mato Grosso do Sul. Cultura.

Submetido em: 12/12/2021
Aceito em: 22/12/2021
Publicado em: 30/12/2021



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil



Flávio Zancheta Faccioni

Doutorando em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), com período Sanduíche na Faculdade de Filoxia da Universidade de Santiago de Compostela (PDSE/CAPES).



<http://lattes.cnpq.br/0034675680122204>



<https://orcid.org/0000-0001-5754-1455>



[Programa de Pós-Graduação em Letras - UFMS](#)

<https://www.camalote.com.br/>



Departamento de Letras
Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG –
CEP 317131-001 - Brasil



Claudete Cameschi de Souza

Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Professora dos cursos de Letras (graduação e pós-graduação) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).



<http://lattes.cnpq.br/9601519167633038>



<https://orcid.org/0000-0001-6073-5576>



[Programa de Pós-Graduação em Letras - UFMS](#)



CANTAUtores: A (NÃO) FABRICAÇÃO DA CULTURA¹

Flávio Zancheta Faccioni (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)²

Claudete Cameschi de Souza (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul)³

“Da sua aldeia é que você constrói o mundo [...]”, contou-nos em entrevista Geraldo Espíndola, cantor, instrumentista e compositor sul-mato-grossense. “Meu destino é para lá [...]”, relatou-nos Paulo Simões, também cantor, instrumentista e compositor sul-mato-grossense. As narrativas são, antes de mais nada, escritas de si, sobre si, dos outros e sobre os outros. Cantautores que, por meio da linguagem, representam suas culturas, processos identitificatórios, incompletudes e desejos. Entrevistas que realizamos durante os cursos de Mestrado e Doutorado, ainda em desenvolvimento, em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e que, após contatos com os cantautores, fizeram-nos (re) pensar sobre as composições de canções e seus processos identitificatórios.

Para esta reflexão, convidamos duas canções “Cuñataíporã⁴⁵”, de Geraldo Espíndola e “Trem do Pantanal⁶”, de Geraldo Roca, *in memoriam*, e Paulo Simões.

¹ O texto foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. This text was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

² E-mail: flavio.faccioni@ufms.br

³ E-mail: claudete.souza@ufms.br

⁴ Para escutá-la, acessar <https://www.youtube.com/watch?v=Qn0J40ePOLk>.

⁵ Usamos o nome da canção conforme aparece nas plataformas digitais.

⁶ Para escutá-la, acessar <https://www.youtube.com/watch?v=GJ0itfWmu6E>.



Questionamos se, a partir das escritas dos **cantautores** é possível construir identidades, culturas e representações. Sendo assim, para estabelecer um diálogo, usamos a Análise do Discurso de linha francesa que nos possibilita desestabilizar os sentidos cristalizados e o emergir de sentidos outros; e apoios teóricos que fomos apresentados durante (e ainda) o nosso percurso formativo. Pela abertura do gênero textual *squibs*, não fazemos reflexões assertivas, mas plurais e, talvez, sem respostas claras. Queremos, por fim, (des) construir, problematizar e (re) discutir os processos identificatórios da cultura sul-mato-grossense.

O cantautor, constituído de caminhos; pessoas; objetos; encontros e desencontros, registra, em versos e rimas, as histórias e as memórias de seu território. A partir de suas escritas, resultado do arquivo (FOUCAULT, 2017), imaginários (CORACINI, 2011) e memórias (ACHARD, 2015), (re) cria o mundo e instiga a construção de aspectos culturais na sociedade. Seria, então, o violeiro-errante talentoso ao ponto de construir culturas? Aliás, pode se construir culturas? Esta pergunta nos tem sucumbido desde que começamos a pesquisar a música e a formação do povo sul-mato-grossense.

Copeta (2009, p. 17) disserta que “a identidade nasce, pois, da busca pela diferença [...]”⁷. Aqui, então, começamos a refletir que a identidade e, por consequência, a cultura são manipuladas a partir do desejo pela diferença entre os sujeitos que constituem as sociedades. Ainda em Copeta (2009, p. 18), em um pensamento identitário baseado na geografia, a identidade “é própria de cada lugar e deriva de acontecimentos geológicos e climáticos, da flora e da fauna”⁸.

⁷ No original “La identidad nace, pues, en la búsqueda de la diferencia [...]”.

⁸ No original “[...] es propia de cada lugar y que deriva de acontecimientos geológicos y climáticos, de la flora y de la fauna.”



As palavras de Copeta (2009) nos levam a um efeito de sentido de que as identidades e as culturas são frutos do meio em que vivem os sujeitos e, em um outro pensamento, ao fazerem representação de seus espaços, estariam contribuindo para a constituição das identidades locais de seu povo. Os processos identificatórios estariam, então, intrinsecamente relacionados com as realidades sociais, econômicas e linguísticas do local em que os sujeitos se encontram.

Um ponto é pertinente para refletir a construção das identidades e culturas, a sobrevida da música, ou seja, a continuidade existencial que a obra tem. Acreditamos, por enquanto, que após a criação de uma obra sua permanência no mundo seja um importante fator para a edificação da cultura de um povo. A exemplo disso, as canções selecionadas: Cuñataíporã e Trem do Pantanal, foram gravadas por intérpretes da música brasileira, o que possibilitou a adesão do grande público, não apenas estadual, mas nacional e internacional.

Bourdieu (2004) comenta que as obras estão relacionadas com os fatores econômicos e, sobretudo, às necessidades de um campo artístico. Portanto, em relação as lutas do campo literário, observamos que, longe de discutir os aspectos econômicos presentes nas lutas, as produções de Paulo Simões, Geraldo Roca e Geraldo Espíndola, habitantes das margens do campo literário, contribuem para com o novo momento na cultura sul-mato-grossense: a (re) identificação, um novo processo identificatório. Não apenas eles, mas como esta discussão se volta apenas as canções compostas por estes produtores, focamos nossa discussão neles. Contudo, mesmo compondo das bordas, são, além dos meios artísticos, reconhecidos por meio de trabalhos acadêmicos que reforçam suas contribuições para o público e, por fim, para a cultura do estado e do país. Para poder prolongar esse pensamento, vamos, agora, utilizar as canções e a história, já que estas condições de produção são importantes para, ao menos, iniciar uma reflexão.



Cuñataíporã e Trem do Pantanal foram compostas nas últimas décadas do século XX e em um momento político incerto e decisivo para o então estado de Mato Grosso. Uma época em que as motivações políticas e econômicas impulsionaram a divisão do estado de Mato Grosso, criando o estado de Mato Grosso do Sul. Neste sentido, a divisão do estado gerou incertezas nos recém “criados” sul-mato-grossenses em relação ao diferenciar-se do outro, ser único, e ter a sua identidade. Como se ver diante de um novo lugar, mas que era velho? E a cultura que eu tinha, não é mais minha? Um sentimento de desejo de possuir algo para poder chamar de “seu”, a “nossa” cultura. Uma cultura que é híbrida e constituída, sobretudo, dos encontros e dos limites. Mato Grosso do Sul exorta esta característica cultural em suas manifestações culturais: a diversidade, a transterritorialidade (Mondardo, 2018), a transculturalidade, transritmicidade. A exemplo desta pluralidade, o estado é rico e alguns exemplos são a sopa paraguaia, a chipa, o chamamé, o tereré, a polca, as comitivas, as modas de viola, entre outros aspectos culturais de Mato Grosso do Sul que transpassam as fronteiras locais. Aliás, é a cultura escrava das fronteiras políticas? Uma reflexão a partir dessa questão é que a cultura ultrapassa as fronteiras locais e alcança outros espaços. É a cultura, por fim, livre de amarras e prisões – é transcultural e transterritorial.

“Do Sul”, respondem os sul-mato-grossenses quando são questionados se habitam as terras de Mato Grosso. Seria essa, portanto, uma primeira problematização em busca de uma diferenciação conforme disserta Copeta (2009)? Diferenciar-se para se identificar e reconhecer aspectos pertencentes a si e ao seu núcleo pertencente. Contudo, para que isso se concretize, acreditamos que há um anseio popular por produções artísticas que possam representá-la. Assim, a partir da escrita de um cantautor, representando, por meio da linguagem poética, o local, o povo e os itens constitutivos, somos levados a compreender que as representações que os cantautores fazem em suas obras são



identificadas pelos públicos que as recebem e, ao observarem os aspectos identitários nas canções, há uma identificação dos sujeitos pelos traços representativos que músicas cantam.

Mas por qual razão escolhemos as canções Cuñataíporã e Trem do Pantanal? Há dois motivos. O primeiro é que elas compartilham um item que representa o estado e a memória de Mato Grosso do Sul, o trem – tema afetivo para os sul-mato-grossenses. Segundo ponto é que as duas canções ressaltam o bioma Pantanal, fonte de vida e riqueza para os pantaneiros e, consecutivamente, aos sul-mato-grossenses. Uma forma, conforme Copeta (2009), de construir identidades a partir dos aspectos pertencentes aos locais dos sujeitos que habitam os espaços, neste caso o Pantanal. Ainda sobre o Pantanal, em entrevista com Lenilde Ramos⁹, contou-nos que para os compositores da época pós divisão, momento de euforia para a classe artística, houve um grande interesse por representar a natureza e, dentre as belezas de Mato Grosso do Sul, destacou-se o pantanal e, a partir desse momento, começou a exploração do imagético de Mato Grosso do Sul nas produções artísticas.

Em relação ao primeiro ponto, em Mato Grosso do Sul, o trem teve e ainda tem afetividade direta com o povo que vive neste estado. Chegada em meados das primeiras décadas do século XX ao então Mato Grosso, a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, conhecida como NOB, fez parte da vida daqueles que perambulavam entre Bauru, ponto de partida no estado de São Paulo, Corumbá, estação final dentro do estado de Mato Grosso do Sul, e Ponta Porã, ramal da NOB. Além disso, a ferrovia era o elo entre os povos e culturas, a ponte entre o “caipira” e o “da cidade”. Desta maneira, a ferrovia fez a conexão dos povos com a “Central do Brasil” e com a parte oeste da América Latina,

⁹ Escritora, musicista, compositora e ativista cultural. Entrevista realizada de maneira remota em 15 de março de 2021.



possibilitando conhecer a cidade perdida dos Incas – Machu Picchu¹⁰ e entre outros lugares. Logo, durante grande parte do século passado, os sul-mato-grossenses se fizeram transterritoriais por meio dos trilhos da NOB e, por consequência, constituíram-se com as paisagens que “mosaicam” os caminhos, as estações e os vagões.

Em conjunto com o sentimento e desejo pela busca da identidade local, os cantatores compõem obras que, frente as condições de produções (FOUCAULT, 2014) de um “estado sem cultura”, concertem-se em representantes da cultura do povo. Ou, ainda, tornam-se pais adotivos de filhos sem parentescos. Com isso, o anseio de identificar-se possibilita o reconhecer-se em obras que apresentam, em suas escritas, as representações do local, sobre o local e, por fim, de si. Uma linha de pensamento que acompanha, também, o que afirma Copeta (2009) sobre a identificação e a busca pela identidade, já que olhar para o espelho e se reconhecer gera identificações e identidades.

Sobre a canção Trem do Pantanal, em 2001 houve “uma eleição direta em todo o estado” (Neder, 2011, p. 88) para escolher a canção que mais representasse Mato Grosso do Sul. 43,73% dos votos foram para a canção Trem do Pantanal, o que expressa a identificação dos sul-mato-grossenses pela canção, pelo trem e pelo pantanal. Após a eleição, a composição de Geraldo Roca e Paulo Simões ficou conhecida como hino não-oficial de Mato Grosso do Sul. A votação, ainda, como manifestação democrática do povo, “expressa seu desinteresse pelo hino oficial como símbolo do MS” (Neder, 2011, p. 90). Neder (2011, p. 89 e 90) afirma que, em eventos oficiais, a canção eleita pelo povo foi executada ao lado do Hino Nacional Brasileiro, o que reafirma o reconhecimento de Trem do Pantanal como parte da cultura dos sul-mato-grossenses.

¹⁰ Informação coletada em entrevista com Paulo Simões em 26 de junho de 2019 na cidade de Campo Grande.



Cuñataíporã, também, compartilha aspectos sul-mato-grossenses, como o trem, o pantanal, as cidades de Corumbá e Ponta Porã, e o Rio Paraguai. Além disso, sobressai a presença da língua guarani. “Kunãtaĩ che Rohayhu”, em língua portuguesa, significa “moça bonita eu te amo” e, ademais de linguístico, a canção expressa a relação que o estado de Mato Grosso do Sul tem com o Paraguai. Historicamente, antes da Guerra da Tríplice Aliança, parte do estado pertencia ao Paraguai. Contudo, mesmo anos após a absorção das terras paraguaias, é possível observar manifestações culturais “brasiguaias”, ou seja, aquelas que ultrapassam as fronteiras, chocam-se e se misturam, produzindo as manifestações culturais de Mato Grosso do Sul.

O movimento transterritorial (Mondardo, 2018) faz parte de ambas as canções. São sujeitos que caminham em busca de suas constituições e (in) completudes pessoais. Um em busca do amor, outro fugindo da dor – rumo à liberdade. Caminhos divergentes, mas que se convergem ao representar o estado de Mato Grosso do Sul entre cordas e versos. Uma representação que pode não alcançar todos os espaços, mas que rememora ladrilhos constituintes do mosaico sul-mato-grossense.

Algumas formações discursivas (Foucault, 2017) podem ser observadas nas canções. A formação discursiva do pantanal, em que sobressaem os enunciados “Rio Paraguai”, “barco”, “Pantanal”; a formação discursiva do trem, presentes no título “Trem do Pantanal” ou em “Você quer pegar aquele trem? É naquele trem que eu vou também”. Claro, outras mais se fazem presentes, mas nosso interesse é expor, apenas, a formação discursiva do pantanal e do trem, já que elas cercam alguns dos símbolos presentes na memória dos sujeitos do que constitua o imaginário sobre Mato Grosso do Sul.

Portanto, por tudo o que foi comentado aqui, entendemos que ainda há muito a se refletir sobre as produções musicais em Mato Grosso do Sul e sobre a construção da cultura de Mato Grosso do Sul, tema que será explorado em nossa tese. Acreditamos que,



além de obras publicadas, as canções que citamos aqui (há muitas outras) podem cooperar com as fabricações de identidades e cultura. Não compreendemos, neste momento, como se dá esse processo, mas temos como hipótese as condições de produção da divisão do estado e a busca pela constituição de uma identidade “própria”, a expressão da cultura e identidade de Mato Grosso do Sul.

Esse trem leva as letras por meio dos vagões do registro e da construção identitária e cultural de Mato Grosso do Sul. Um trem que “atravessa o pantanal” e apresenta aos seus passageiros as belezas desse pedaço do mundo, o pantanal – constituído de espaços e povos. Esse é o nosso trem das letras!

Referências

- ACHARD, P. *Papel da memória*. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- BOURDIEU, P. *O campo literário*. Tradução de Carlos Pérez Varela. Noia: Laoivento, 2004.
- COPETA, C.; LOIS, R. (Orgs). *Geografía, paisaje e identidad*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009.
- CORACINI, M. J. Entre a memória e o esquecimento: fragmentos de uma história de vida. In: GHIRALDELO, C. M. *Nas malhas do discurso: memória, imaginário e subjetividade*. Campinas: Pontes Editores, 2011. p. 23-74.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- MONDARDO, M. A dinâmica multi/transterritorial dos povos Guarani e Kaiowá na fronteira do Brasil com o Paraguai. In: RÜCKERT, A. A.; SILVA, A. C. P. D.; SILVA, G. D. V. *Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território: integração sul-americana e regiões periféricas*. Porto Alegre: Editora Letra, 2018. p. 218-233.
- NEDER, A. 'Enquanto este novo trem atravessa o litoral central': platinidad, poéticas do deslocamento e (des)construção identitária na canção popular urbana de Campo Grande, MS. *Albuquerque: Revista de História*, v. 3, p. 73-94, 2011.



Compostos: the (non) fabrication of culture

Flávio Zancheta Faccioni
Claudete Cameschi de Souza
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Abstract

In this squib we present some questions about the identification processes of the people from Mato Grosso do Sul, based on songs composed during the period of the division of the state of Mato Grosso and the creation of the state of Mato Grosso do Sul. These initial reflections come from our doctoral research, still in progress, in the Post-graduate Program in Letters of the Federal University of Mato Grosso do Sul with a sandwich internship at the University of Santiago de Compostela. We selected, for our research, two songs, *Cunãtaíporã*, by Geraldo Espíndola; and *Trem do Pantanal*, by Geraldo Roca, in memoriam, and Paulo Simões. We use, as theoretical support, the transdisciplinarity of French Discourse Analysis to problematize our questions. Finally, we believe that the compositions and the conditions of production can contribute to the identificatory processes of the state of Mato Grosso do Sul.

Keywords: Identification Processes. Music. Mato Grosso do Sul. Culture.



Compositores: la (no) fabricación de la cultura

Flávio Zancheta Faccioni

Claudete Cameschi de Souza

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Resumen

En este squib, presentamos algunas inquietudes sobre los procesos de identificatorios de la gente de Mato Grosso do Sul a partir de canciones escritas durante el período de división del estado de Mato Grosso y creación del estado de Mato Grosso do Sul. Estas reflexiones iniciales provienen de nuestra investigación, aún en curso, de doctorado por el Programa de Posgrado en Letras de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul con una pasantía en la Universidad de Santiago de Compostela. Seleccionamos, para este texto, dos canciones, Cunãtaíporã, de Geraldo Espindola; y Trem do Pantanal, de Geraldo Roca, *in memoriam*, y Paulo Simões. Utilizamos, como soporte teórico, la transdisciplinariedad del Análisis del Discurso de la línea francesa para problematizar nuestras preguntas. Finalmente, creemos que las composiciones y condiciones de producción pueden contribuir con los procesos de identificación en el estado de Mato Grosso do Sul.

Palavras clave: Procesos identificatorios. Música. Mato Grosso do Sul. Cultura.